



NO QUADRO DE HONRA DO CORAÇÃO DOS SEUS ALUNOS



 Duas imagens. Dois tempos de vida. Já longe do futuro com pressa. As duas fotos escolhidas para este *IN MEMORIAM* impuseram-se pelo seu valor simbólico.

Na primeira, D. Zoraida Saldanha dá-nos um olhar extenso, evasivo na aparência. De tempos e de espaços longínquos. Apelando à serenidade. Que apazigua nostalgias. Mas há o carinho que as flores trouxeram! Da segunda emana um sinal que os seus Antigos Alunos conheceram bem. A força da empatia com os saberes que transmitia. Esta imagem recorda um dos últimos actos solenes, ainda no velho ginásio. Em pleno tempo de júbilo pelos 150 anos do Liceu. Presidente do júri do prémio Liceu da Horta, ‘matou saudades’, longe já ia o seu tempo de Professora. Voltou a dar aula. Explicou com *essa empatia* o valor do Prémio (curriculum vitae). Desta vez com outra lucidez. Para além da matéria e noutra dimensão. Entre o passado (a autoestima da pesquisa) e o futuro (a utilidade real de um currículo bem organizado).

O PARLAMENTO E O GOVERNO DOS AÇORES

DISTINGUIRAM MARIA ZORAIDA
DE BETTENCOURT SALEMA
STATTMILLER SALDANHA
MATOS DO NASCIMENTO
COM A INSIGNIA AUTONÓMICA
DE MÉRITO CÍVICO



Foto: Arquivo fotográfico da ALRAA

2015. Ilha das Flores. Dia da RAA. Ana Luísa Luís Presidente da ALRAA cumprimenta D. Zoraida Saldanha agraciada pelo Parlamento e pelo Governo Regional

RAZÕES DE SAUDADE



Na 1.ª AG de AA's (Lisboa, Casa dos Açores, 1997) D. Zoraida Saldanha foi convidada para representar a AAALH no Faial. Participou num elevado número de projectos, de onde escolhemos 12 dos momentos marcantes dessa longa lista.



D. Zoraida Saldanha "apadrinha" o primeiro acto da AAALH no Faial (assinatura de um protocolo com a Escola Secundária Manuel de Arriaga para o programa dos 150 anos do Liceu)



150 anos do Liceu. D. Zoraida Saldanha na Mesa da sessão em que lhe foi entregue o diploma de Sócia Honorária da AAALH (na mesma sessão foi apresentada a obra sobre a história do liceu de Carlos Lobão com introdução de A. Sampaio da Nóvoa)



D. Zoraida Saldanha coordenou a organização da exposição da História dos 150 anos do Liceu. Fernando Menezes (ALRAA), Aurélio Machado (AAALH), D. Zoraida Saldanha e D. Judite Salema fazem as honras da abertura da exposição



D. Zoraida Saldanha em representação da AAALH na sessão do 60.º aniversário do 1.º curso da Escola do Magistério da Horta



Na Estalagem de Santa Cruz, D. Zoraida Saldanha, Presidente do júri do Prémio Liceu da Horta, apresenta os candidatos vencedores e cumprimenta o representante do Montepio Geral



A Escola Secundária Manuel de Arriaga, instituição "herdeira", recebeu a medalha n.º 1 dos 150 anos do Liceu. A honra da atribuição da medalha n.º 2 coube a D. Zoraida Saldanha



D. Zoraida Saldanha na fundação da Universidade Sénior (criada na sequência da proposta que submeteu à AG da AAALH)



D. Zoraida Saldanha é escolhida para 'porta-voz' da entrega na ALRAA da petição que conseguiu impedir a construção de um bairro na Quinta Urbana e Jardins Históricos do Solar dos Arriaga



D. Zoraida Saldanha a discursar na Escola Secundária Manuel de Arriaga, na sessão do Dia da Escola, como Presidente do júri do Prémio Liceu da Horta



D. Zoraida Saldanha na abertura do "ano académico" na Universidade Sénior



D. Zoraida Saldanha participa na formação do Orfeão dos AA's. Mais tarde, acompanha e participa na integração do mesmo orfeão na Universidade Sénior do Faial (3.ª à esquerda na 1.ª fila nas duas fotos)



IN MEMORIAM

MUITO OBRIGADO POR TUDO *



A Escola Secundária Manuel de Arriaga apresenta o seu mais sincero reconhecimento e homenagem à professora Zoraida Saldanha.

Maria Zoraida de Bettencourt Salema Stattmiller de Saldanha Matos do Nascimento, ou simplesmente D. Zoraida, foi professora de Físico-Química na nossa escola, na altura Liceu Nacional da Horta, durante 30 anos. Lecionou, também, as disciplinas de Ciências Naturais e de Físico-Química no Colégio de Santo António e na então Escola Preparatória.

A sua atividade profissional deixou uma marca significativa em várias gerações de alunos, tendo contribuído não apenas para a sua formação científica, mas também para o seu desenvolvimento pessoal e cívico. Mulher inteligente, culta e dedicada, permanecerá na memória de todos com sincero apreço e estima.

Em março próximo faria 99 anos.

Até sempre, D. Zoraida.

Muito obrigada por tudo.

* Transcrição autorizada pela Escola Secundária Manuel de Arriaga

CORAGEM E ELEGÂNCIA



O Liceu da Horta nasceu da têmpera afirmativa de gente que lhe mediu o peso e o alcance. Foi farol poderoso no Faial e noutras ilhas do grupo central e ocidental no passado, e prossegue a função da educação escolar na actualidade. A Senhora D. Zoraida Saldanha pertence a uma elite que deu, dando-se! Não arrumou os conhecimentos que adquiriu no baú das prendas femininas, assumindo, com competência, na década de 50 do séc XX, um comportamento cívico na educação juvenil da cidade da Horta, com responsabilidade e notável generosidade.

Essa dádiva social merece a nossa gratidão e o maior respeito.

Na data em que se desamarra da vida e sobe à sua estrela, curvo-me na homenagem à Professora D. Zoraida Saldanha, por tudo o que deu à educação e à sociedade, durante uma vida que atravessou com elegância e espírito de missão.

Ilha Graciosa, 25/01/2026

Maria das Mercês da Cunha Albuquerque Coelho
(aluna do Liceu da Horta em 1967/1969)

A PROFESSORA E AMIGA QUE NÃO ESQUECEMOS



O meu primeiro contacto com a D. Zoraida Saldanha aconteceu em julho de 1965, como membro do júri do exame de admissão. Um simples sorriso, no início da prova, bastou para reduzir o nervosismo e transmitir confiança a um miúdo de dez anos, vindo da Silveira do Pico, que entrava pela primeira vez no Liceu e logo perante uma grande plateia de alunos e pais.

Anos depois, já como aluno interno, foi minha professora de Físico-Química – exigente e competente, mas próxima – aliando o rigor pedagógico a uma relação de verdadeira atenção humana. O apoio que nos deu na preparação e acompanhamento da viagem de finalistas é um exemplo dessa disponibilidade com que sempre apadrinhou as iniciativas dos alunos, dentro e fora da sala de aula.

A amizade que mantive com a sua filha Sãozinha, minha colega nos cinco anos de Liceu, faz também parte dessa memória partilhada que a D. Zoraida ajudou a construir, fazendo questão de estar sempre presente nas comemorações quinquenais dos finalistas de 1972.

Ligada à Associação dos Antigos Alunos do Liceu Nacional da Horta, acreditava profundamente no valor dos laços e da memória comum. Partiu no limiar dos 99 anos.

Fica connosco a lembrança de uma professora competente, amiga e presente, que permanece na memória de quem a conheceu.

Lisboa, 26/01/2026

Norberto Sequeira da Rosa

UM GRANDE EXEMPLO



Recordo aqueles momentos de curtas férias de Verão, no Largo do Infante, quando, ao cair da noite, enchíamos os bancos e muros, e a D. Zoraida chegava, com aquele sorriso leve e meigo com que nos saudava...

... no entanto foi a Manuela, q.e.p.d., que ao assumir a responsabilidade de professora de francês no Liceu, com a jubilação do Dr. Gabriel Simas, quem a recordava, mais que amiúde, no emotivo acolhimento que ela lhe deu, principalmente na sala onde os professores se encontravam, entres períodos de aulas.

Como a Manuela nos contava, nesse grupo de professores havia de todos, os que nunca se calavam e os que lhe eram mais frios que o inverno ... mas era a D. Zoraida que com um sorriso de ca-

rinho, “Olá Manuela vem para aqui, tenho coisas que contar-te...”

Assim, com a chegada da Dra. Zoraida ao Largo do Infante, a Manuela sentia sempre uma alegria que lhe durou toda a vida e que desde Porto Rico, longe em data e distância daquele cantinho maravilhoso que lá tínhamos e que naquele tempo era um céu de risos e alegrias que perduraram sempre no melhor cantinho das suas memórias.

Hoje estou vendo as duas, caminhando lado a lado, no céu, alegres, com as saudades que deixaram entre nós...

São João, Porto Rico, 28/01/2026

José C. Duarte da Silveira

UM CAMINHO INVEJÁVEL



... o nosso Grupo de Canasta está “a chegar ao tempo de perdas”...

... Para os Caminhantes... tudo é caminho... e assim se cumpriu com a nossa amiga e companheira de jogo da Canasta no Amor da Pátria, a Senhora D. Zoraida...

... com um Caminho invejável;

... sabedoria, carácter íntegro e Princípios Firmes;

... deixou marcas indeléveis no nosso Grupo e na Sociedade Faialense;

... Como substituir figuras que ainda hoje nos ensinavam como SER, ESTAR e FAZER?

... é uma das grandes preocupações do momento;

... resta-nos prestar-lhe sentida Homenagem, guardando as memórias com muito carinho e Amizade.

Grupo de Canasta no Amor da Pátria, 29/01/2026

M. Fátima Dutra Goulart

IN MEMORIAM

ATÉ SEMPRE, D. ZORAIDA



Há encontros que o tempo não apaga e marcas que nem a despedida consegue levar. A D. Zoraida foi minha professora apenas no último ano do Liceu, mas esse breve capítulo foi o suficiente para que se tornasse eterna. Num mundo de regras e distâncias, foi a exceção. Foi a professora mais humana que conheci, aquela que nos lia a alma quando nós ainda mal sabíamos quem éramos. Compreendia-nos não apenas como alunas, mas como jovens cheias de sonhos e incertezas.

Lembro-me, com uma saudade imensa, do nosso 7.º ano. Fomos os primeiros a fazer uma viagem de fim de curso – uma aventura humilde, moldada às nossas fracas possibilidades, mas grandiosa porque a D. Zoraida estava lá. Foi a única que aceitou

caminhar connosco, lado a lado, sem barreiras. Ficou no meu coração e sinto que habitou no coração de todos os que partilharam aquele momento.

D. Zoraida, obrigada pela humanidade, pela coragem de ser diferente e, acima de tudo, pela amizade generosa que me dedicou ao longo de toda a vida.

O Liceu deu-me o diploma, mas a senhora fortificou-me o exemplo de tenacidade e persistência que a minha família sempre me transmitira.

Oeiras, 3/02/2026

Maria Luíza de Vargas Bulcão (Melo Barreiros)

UMA MULHER QUE SE DISTINGUIU



A ilha do Faial e os Açores acabam de se despedir de uma Mulher que ousou ser diferente.

Nascida na cidade da Horta, torna-se conhecida por ser uma aluna brilhante e distinguida, nos Açores e no País. Conheceu e sofreu, desde cedo, quanto custa ser ilhéu. Para prosseguir estudos teve de “sair” da sua ilha e “partir”, depois, para o continente. Era assim naquele tempo, anos 40 do séc. XX.

Volta à ilha para nela viver e trabalhar. Foi professora e contribuiu para a formação de grande parte dos alunos que passaram pelo Liceu da Horta. E transmitia os valores que praticava: empenho, exigência e firmeza! Fui sua aluna nos 6.º e 7.º anos do Liceu (1967-1969) e sua “colega” quando leccionei no Liceu da Horta (1973/74 e 1978/79).

Dedicou-se a projectos socioculturais na sua ilha e neles colaborou, deixando a sua marca. Foi assim com o Núcleo Cultural da Horta (NCH) e com a Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta (AAALH). E também com a Uni Sénior e o Orfeão!

Foi a D. Zoraida, como lhe chamávamos, que com outros antigos alunos se dedicou à recolha que tornou possível a muito consultada “Lista dos Antigos Alunos” do Liceu da Horta...

E que a 4 de dezembro de 2009 entregava, em nome da AAALH, à Presidente da ALRAA uma petição solicitando o reconhecimento de “relevância histórica e interesse público do espaço dos jardins e da quinta do antigo Solar dos Arriaga”, procurando que aquele que fora o berço do primeiro Presidente da República, se mantivesse ligado à história da República e à história social da ilha do Faial.

Sempre empenhada na promoção da sua ilha e dos seus valores, foi uma das figuras que se solidarizou para a homenagem devida a Frederico Machado, um amigo dos tempos do NCH! Recordo um dos nossos últimos encontros, em agosto de 2018 no Amor da Pátria, por ocasião da sessão evocativa na homenagem da sociedade faialense a Frederico Machado.

Obrigada, D. Zoraida pelas lições e, sobretudo, pelos valores partilhados!

Com a certeza de que nos Açores jamais será esquecida! Contrariando a pergunta do poeta florentino “Quando eu me for daqui/ Quem se lembrará de mim?”

Lisboa, 4/02/2026

Delfina Porto

GRATIDÃO



A Professora Zoraida foi uma docente sempre afetiva, compreensiva com os alunos. Lembro-me de no 7.º ano termos realizar um baile para angariação de fundos para a viagem de finalistas mas deparámos com a oposição do Sr. Reitor.

A D. Zoraida intercedeu por nós e lá conseguimos o nosso objetivo. Ficámos muito reconhecidos.

Faial, 4/02/2026

Conceição Pimentel

FOI MEU ALUNO!



Como nas divisões da História da Humanidade, as pessoas também têm *tempos próprios* na sua História de Vida. O biógrafo de D. Zoraida Saldanha vai ter tarefa grandiosa para conciliar as invariantes por onde a temos elogiado com as circunstâncias que darão o tom e o sentido a cada *tempo* assinalável na sua vida.

Foi certamente feliz no *tempo* a partir do dia em que foi convidada para ‘embaixadora’ dos Antigos Alunos no Faial (como tinha sido no *outro tempo* em que foi Professora). Não esteve só. Acompanhou-a sempre o Grupo de Antigos Alunos que inspirou. Ergueu projectos. Desvendou arquivos. Reanimou passados. Mereceu palcos. Trouxe a Sociedade para o icónico Prémio ‘Liceu da Horta’. Alcançou mercês. Levantou véus para mais uma História

que os Muito Antigos nos legaram. Da mística do *tempo do Liceu*.

Sinal da força de tudo isto é-nos dado quando a própria D. Zoraida Saldanha inscreveu no currículo entregue ao Parlamento dos Açores que foi representante dos Antigos Alunos no Faial.

Um exemplo. Tivemos muitas reuniões. Tanta actividade pedia atenção. E apoios. D. Zoraida Saldanha dizia “*posso tratar desse assunto. ‘Ele’ foi meu aluno!*”. Era uma convicção de algo adquirido. Não seguia por “*eu fui sua Professora!*”. O respeito e a responsabilidade faziam parte do código de conduta, apanágio das atitudes “ensinadas”. Isto é mística do *tempo do Liceu!*

Oeiras, 8/02/2026

Henrique Barreiros

A “DONA” ZORAIDA, UMA PROFESSORA DISTINTA



Há professores que o tempo não esconde a memória. A professora Zoraida dava aulas de Físico-Química, matéria com um teor científico nem sempre fácil de transmitir. No entanto, o “modelo” pedagógico da professora ajudava os alunos a compreenderem os meandros da matéria e a perceberem o desenvolvimento dos temas apresentados. Sentíamos que estávamos perante alguém que se distinguia pelo trato

e por um rigor intelectual que nos obrigava a pensar por nós próprios. Mais do que as fórmulas, ela ensinou-nos o valor da integridade e a importância do conhecimento no futuro das nossas vidas. Porte altivo e determinado foi, também, um exemplo de cidadania.

Lisboa, 9/02/2026

José Maria Duarte

IN MEMORIAM

A AULA DE BOAS-VINDAS



Começava mais um ano letivo no Liceu e para uma sala cheia de meninas dos seus 13/14 anos era como se fosse uma promoção, iniciar o 3.º ano, subiam o patamar duma pré-adolescência.

E foi assim que a professora de Físico-Química nos deu as Boas-vindas e nos aconselhou e motivou para esta nova etapa das nossas vidas dizendo: “meninas! estudem, apliquem-se para garantirem o vosso futuro. Olhem para o meu caso e façam as contas. Se os meus pais me tivessem dado o dinheiro que gas-

taram na minha formação, já o teria gasto para me sustentar, com o curso feito e a dar aulas quantas vezes já recuperei esse dinheiro”.

E a mensagem ficou! Segui-a e dei por mim a repetir aquele discurso de Boas-vindas, várias vezes ao longo da minha vida, quando sentia que alguém precisava de um incentivo.

Lisboa, 9/02/2026

Hirondina Silveira Duarte

OBRIGADA, DRA. ZORAIDA!



A si devo o meu primeiro fim de semana sem família, no Pico, com uma amiga especialíssima: a sua filha São. Um telefonema seu demoveu a minha mãe que, por consideração à professora e pela credibilidade da Dra. Zoraida, disse sim, não sem me cobrir com um enorme manto de recomendações que eu – claro! – nem ouvi.

Tinha 16 anos acabados de completar e era o meu primeiro fim de semana em liberdade. Assim o entendi. Assim o entendeu a Dra. Zoraida, que quase se invisibilizou e nos deu um espaço

maravilhoso e um tempo de excelência para sermos nós na nossa juventude.

Ganhei asas nesse fim de semana. Asas para ser eu própria, em liberdade. Asas para a amizade eterna. Asas para a compreensão e o respeito que unem os silêncios, as cumplicidades e as emoções. Haverá bens mais preciosos? Não. Nunca os esquecerei. Estes deveriam ser os faróis da humanidade.

Horta, 13/02/2026

Alzira Silva

O GOSTO PELA PARTICIPAÇÃO



Não foi minha professora, mas habituei-me à sua presença no Liceu e na vida social em que tomava parte na cidade da Horta. Mais proximamente, o nosso relacionamento passou pelo júri do concurso que então a AAALH promovia para entrega do prémio ao melhor aluno da ESMA. Era presidente do júri e eu tinha a honra de representar a Associação de Pais da ESMA.

Relevo o sentido consensual da Dra. Zoraida na decisão da nota final a atribuir a cada candidato, cumprindo o regulamento do concurso criado pela AAALH, que não se ficava apenas pelo percurso académico do aluno, mas sobretudo pelo seu curriculum dentro e fora da escola.

Mais tarde, e fazendo parte do grupo de sócias e sócios que participam nos torneios da Canasta da Sociedade Amor da Pátria, fomos parceiras durante longos anos. Confidenciava-me que esperava pela sexta-feira com muito entusiasmo, pois muito gostava daquele convívio, dos lanches, dos jantares que sempre adivinham do grupo. Ela própria nos juntou em alguns dos seus aniversários bem como nos da sua família. Ficou-me do seu exemplo a alegria de (con)viver!

Horta, 13/02/2026

Lurdes Nunes

UMA REFERÊNCIA



É mesmo verdade que o tempo voa. Uma frase banal e corriqueira, mas nem por isso digna de sentida repetição, porque nunca suficientemente aprendida. A D. Zoraida (um estranho tratamento, como então nos referíamos às professoras...) deixou-nos mais pobres a todos os que por cá ficamos com a memória daqueles anos do Liceu em que tivemos a sorte de a ver todos os dias, comunicando saber, rigor, sinceridade e afecto, numa rara facilidade de criar empatia com os seus alunos. A D. Zoraida era uma pessoa enraizada na comunidade, uma de nós, a quem reconhecíamos méritos e tratávamos com o respeito próprio dos alunos para com os seus professores.

Cada de nós, que a tivemos como professora nesses já longínquos anos, terá episódios que resistem à passagem dos anos. Eu tenho dois momentos que me marcaram e que partilho com todo o gosto. Têm ambos a ver com o meu processo de crescimento no estudo e na vida. São meus. Creio que de muitos outros alguém se lembrará.

Vamos, então, aos momentos que recordo com nitidez... Porque me marcaram, pelos contextos em que ocorreram.

Eu era bom aluno, o que quer dizer que tinha boas notas. A nota era naqueles anos a evidência da qualidade, e o quadro de honra, esse falava por si. Aconteceu no quarto ano, em Matemática, um verdadeiro desastre: mau ponto (hoje seria um teste) no

primeiro período, serenidade a menos e ansiedade a mais conduziram naturalmente a uma nódoa na pauta. Que decisão tomaria a D. Zoraida na classificação final? Deu-me um 10, que me soube muito mal, mas revela (penso agora) que teve em consideração o chamado perfil global do aluno, revelando uma compreensão rara na época. Visto do meu lado, e apesar das férias amargas que passei no Pico (sempre por casa, com vergonha de que me perguntassem pelas notas...), o acontecimento, equivalente para mim a um abalo de terra, deu origem a uma esforçada e bem sucedida recuperação. Mérito da D. Zoraida que me compreendeu e me incentivou. Assim foi. Não tenho dúvidas.

Outro momento, mas este claramente agradável. Tem como contexto a crise sísmica do Vulcão dos Capelinhos de 12 para 13 de Maio de 1958. Eu fui dos que abandonaram o Faial nessa noite. Lembro-me que apanhei a segunda lancha para o Pico. O mar estava muito calmo, mas eu tinha ponto de Ciências no dia seguinte e estava preocupado em faltar. Tinha essa sombra, não atinei com a força da realidade. Quem ia também nessa lancha? Precisamente a professora com quem deveria ter o ponto, a D. Zoraida. Que alívio, então! Hoje, uma boa recordação.

Sobreda, 15/02/2026

António Soares

IN MEMORIAM

A EQUAÇÃO PERFEITA DE UMA VIDA

*Noventa oito anos de uma mente brilhante
que entre fórmulas e livros o mundo explicou.
Físico-Química na Alma, mestre constante
mas foi na vida que a maior lição deixou.
Presidente, líder, farol da cultura
Erguendo pontes com inteligência e saber.
Mas em casa a tua forma mais pura:
o amor que o tempo não pode esquecer.
Ao lado do marido que tanto amou.
Numa estrada de afeto, de entrega e de paz,
dois filhos, três netos... a semente ficou
em quatro bisnetos que o teu nome traz.
A matéria transforma-se – diz a ciência –
mas o vazio que deixas não tem explicação.
Fica a saudade, a tua doce presença,
e um legado eterno em cada geração.
Até sempre,
Querida e Adorável MÃE!*

Horta, 21/01/2026

Maria da Conceição Saldanha Matos do Nascimento



TESTEMUNHO DE UM MAU ALUNO EM QUÍMICA



Não se pode sintetizar num testemunho a personalidade e quem foi a Dr.^a Zoraida Saldanha Nascimento, para referir apenas os apelidos familiares porque era melhor conhecida. Mulher ímpar que incontornavelmente foi uma referência para diversas gerações e em âmbitos diferenciados, nascida de uma antiquíssima cepa que muitos e relevantes serviços prestou ao nosso País em diversos quadrantes e circunstâncias da sua história, como foi a da Restauração e mais tarde no então vice reinado da Índia, a sua partida representa não só simbolicamente, mas também de facto, o epílogo de uma época, o natural crepúsculo de um estilo de vida e de presença no contexto social e cultural desta cidade da Horta.

Com a partida da Dr.^a Zoraida, testemunha privilegiada de um tempo que para os mais novos já é desconhecido, calam-se as vozes de um passado com determinados valores, com as suas grandezas e também contradições, como é próprio de cada época.

Nela se concentravam as figuras paternas dos antigos proprietários que na vizinha ilha do Pico, protegidos nos seus Solares, magníficos exemplares da arquitectura civil açoriana, faziam das pedras filhas da lava o lugar ideal para a produção do raríssimo verdelho. A cidade que viu a agonia das Companhias dos Cabos Submarinos e conheceu muito antes da chegada dos modernos veleiros, a fleuma inglesa, o rigor prussiano e a bem mais descontraída mentalidade norte americana, partiu agora definitivamente.

Como seu aluno, recordo-a como aquela Professora que não só era devotamente dedicada a uma missão cada vez mais ingrata e difícil, mas que era também alguém que pelo modo de se vestir, de falar, de se relacionar com os alunos, elevava o ambiente da aula e em todos os sentidos, ensinava porque educava.

A Professora Dr.^a Zoraida quando chegava, com um aprumo único, impecável na sua apresentação, toda a sala se levantava em uníssono: “os meus alunos levantam-se, quando chega o professor”, dizia logo na primeira aula que nos dava de Física e Química.

A matéria, árida para muitos, fascinante para os que entravam nos seus arcanos segredos, era ensinada com superior maestria e sempre com um tom e uma elegância que impunham por si mes-

ma aos alunos essa disciplina, ou porque não dizer, boa educação, durante os 50 minutos que duravam a aula.

Para nós, chegava de longe, para entrar pelos nossos cadernos, para conhecermos os segredos da combustão, Antoine Laurent de Lavoisier, o mesmo que um dos juizes dos tribunais da Revolução Francesa condenou à guilhotina, justificando o acto dizendo que «A República não tem necessidade de sábios nem de químicos, o curso da justiça não pode ser suspenso».

Com a Professora Zoraida, sem grandes cerimónias lá tivemos que memorizar a natureza dos 63 elementos químicos que o russo Dmitrij Mendeleev genialmente organizou na tábua que leva o seu nome e que as novas descobertas tem vido a completar. As experiências laboratoriais eram com ela fascinantes, pela sua calma e objetividade com que expunha as suas aulas, pela atenção ao detalhe.

A matéria que ensinou, era bastante difícil para mim, porque como é óbvio, é rigorosamente lógica, implacavelmente precisa. Muito mais dado às ciências históricas e especulativas como a filosofia e literatura e para mais, então bem pouco disciplinado no estudo, não fui de todo o aluno ideal para aprender aquelas áreas de estudo que como se sabe, se distribuem basicamente pela Química Inorgânica e Orgânica, pela Bioquímica, Físico-Química e pela Química Analítica.

Este é o detalhe com me despeço neste meu sucinto testemunho: a Dr.^a Zoraida não perdia de vista nenhum aluno, mesmo depois das aulas ou independentemente do seu “brilantismo” académico. Precisamente por isso, um dia apanhei um “castigo” por sua causa, melhor, por culpa da minha negligência no estudo, quando meu Pai ao chegar a casa atirou: “a Zoraida hoje no Amor da Pátria disse-me que o António Manuel não está a estudar”! Fiquei sem ver naquele dia o Benny Hill que bem me divertia e lá fui, confesso, infantilmente contrariado, para o quarto pegar nos apontamentos da sua aula. Nesse ano tive nota positiva.

Deus lhe dê aquele descanso e paz que reserva para quantos permanecem na memória dos vivos com sentimentos de saudade e gratidão.

Faial, 18/02/2026

P. António Saldanha Albuquerque

IN MEMORIAM

AVÓ ZORAIDA *



Muitas avós são especiais, são caixinhas de carinho e amor, conjuntinhos de memórias, de sabores, cheiros, sons e sentimentos quentinhos que nos servem de almoçadas amortecedoras para os contratempos e desafios da vida.

A minha avó era especial como muitas, mas era a minha.

Era especial, era extraordinária, era genial, era mágica mesmo.

A minha avó sabia muitas receitas saborosas.

Sabia fazer crochet, tricot e ponto pé-de-flor.

Falava muito bem inglês e francês.

Sabia de cor todos os números de telefone e todos os aniversários de toda a família e amigos.

Sabia de cor as massas atômicas de todos os elementos da tabela periódica.

Fazia contas complexas de cabeça mais rápido do que nós fazíamos com a calculadora.

Era ótima condutora.

Gostava de futebol.

Gostava de jogar canasta e majong.

Sabia muitas lengalengas, dizeres, provérbios e rimas.

A minha avó era muito inteligente, sagaz, perspicaz, esperta, desperta, atenta!

Era uma mulher que parecia ter nascido à frente do seu tempo.

Quando eu era pequenina achava que ela podia ser extraterrestre porque ela sabia tudo. Cresci e percebi que afinal era terrena, que tinha defeitos e falhas. Mas tinha qualidades e características tão especiais que em muito suplantavam qualquer coisa menos boa.

Era uma senhora muito reta e elegante, características que por vezes se poderiam confundir com altivez.

Era uma mulher de fibra, de força de carácter, de retidão.

Era uma mulher que gostava muito de aprender, era curiosa, mas gostava ainda mais de ensinar e fê-lo toda a vida. Ensinou milhares de alunos, ensinou os filhos e os netos. Era uma professora muito exigente, mas ao mesmo tempo era aberta e disponível, muito dedicada aos alunos, não desistia deles. Ela não foi minha professora na escola mas foi minha professora em casa. Ensinou-me a ler, a escrever, a contar, ensinou-me na verdade quase todas as disciplinas, esclareceu-me quase todas as dúvidas. Ensinou-me a importância do fazer bem feito, de ter brio no que se faz, em não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje. E os alunos dela sabiam que assim era. Ela nunca deixou para depois a correção de testes ou provas, corrigia-os sempre no mesmo dia, fosse até que horas fosse, para os entregar no dia seguinte, por respeito e consideração aos seus alunos. Ao longo dos anos fui sempre presenciando imensos alunos que a abordavam para a cumprimentar e agradecer, muitas gerações que a tinham como referência. O que para toda a família sei que era mais um dos muitos motivos do transbordante orgulho por ela ser nossa.

A minha avó encontrou um marido que ela adorava e ele retribuía-lhe aquele amor, era uma relação muito bonita de presenciar. Ela foi sempre a matriarca da nossa família, quem destinava a vida, e o meu querido avô era feliz com a dinâmica deles. Como já referi, ela veio à frente do seu tempo e já sabia que as mulheres eram tão ou mais capazes e sabia que os homens precisavam de alguma orientação.

Eu adorava a minha avó não só porque ela me pôde explicar os movimentos de rotação e translação da terra mas também porque ela guardava chocolates Regina numa gaveta do armário da sala, porque nos levava aos baloiços e escorega da avenida e porque nos levava a ver os cisnes.

Porque acreditava muito em nós, filhos e netos, e fez-nos acreditar a todos que éramos muito capazes, que conseguíamos cumprir tudo aquilo a que nos propuséssemos.

Eu adorava a minha avó por aquele sublime equilíbrio entre elegância e força.

Eu adorava-a porque ela já reformada, me levou a filmar lixo à volta da ilha para um trabalho de inglês, metemo-nos no meio da lama e ela com muita mestria conseguiu tirar de lá o carro.

Eu adorava-a porque ela convidou a minha tuna para almoçar quando elas cá vieram, e no almoço contou-lhes das suas aventuras dos seus tempos de faculdade e mostrou-lhes a sua cicatriz da cirurgia de correção da fratura do colo do fémur, orgulhosa de estar totalmente autónoma e a conduzir após esse pequeno contratempo.

Eu adorava-a porque ela teve uma vida cheia, plena, com muitas atividades, hobbies, associativismo.

Eu adorava-a porque ela inscreveu-se na universidade sénior para continuar a aprender, porque ainda teve e-mail e página de Facebook.

Eu adorava-a porque ela era extraordinária, era especial e era minha, era nossa, era um orgulho que não cabe no peito.

Ela adorava os seus irmãos e primos, tinha uma querida irmã gémea mas que na verdade era alguns anos mais nova, e as duas juntas eram uma alegria de viver.

Ela adorava os seus filhos e eles mantiveram-se sempre muito próximos.

O meu tio herdou dela o ser muito responsável, organizado e metódico.

A minha mãe herdou dela o ser muito estudiosa, muito trabalhadora e muito dedicada à família.

Ela adorava os seus netos e além de nossa avó foi por vezes nossa mãe, amiga, confidente, educadora, professora, explicadora.

O João Fernando herdou a sua ternura.

Eu herdei a sua fibra.

O Jácome herdou a sua genialidade.

Que sorte a nossa!

Obrigada querida avó!

Que nós possamos inspirar tantas vidas como ela fez.

Que nós consigamos criar os nossos filhos com tanto amor, dedicação e estrutura como ela fez, o que lhe valeu ter sido cuidada, amada e acarinhada até ao seu último suspiro, nos seus quase 99 anos, em casa.

Que nós consigamos orientar e mimar os nossos netos com tanta abertura, disponibilidade, paciência e ternura como ela fez, o que lhe valeu ter sido idolatrada e amada por nós devotamente.

Que possamos continuar o legado dela de tentar fazer bem, fazer melhor, na família, no trabalho, na comunidade, para que ela, esteja onde estiver, também se possa orgulhar de nós.

Obrigada avó!

E obrigada mãe que a mantiveste viva, estimada, cuidada, tratada, acarinhada tantos anos, permitindo que pudéssemos privar com a nossa querida Zoraida mais tempo.

Fica a eterna saudade e tantas memórias fantásticas da minha querida, especial, genial e extraordinária avó.

Há uma música bonita que me lembra da minha avó e deste momento que a certa altura diz “eu que vim das estrelas, hoje me transformo em pó para a elas regressar...”.

Até sempre querida avó!

Horta, 23/01/2026
Isabel Saldanha Armas

* “Avó Zoraida”: Texto lido pela autora durante o momento da homilia na missa de corpo presente celebrada pelo Cônego Saldanha na Igreja Matriz da Horta em 23/01/2026

IN MEMORIAM

ENTRE OS DOIS



Dizem que quando se morre fica-se frio e que a minha avó também se esfriou. Não é bem assim. Morremos e equilibramos com o meio ambiente, a nossa temperatura equaliza-se à temperatura ambiente. Matéria viva transforma-se em matéria morta. Os processos individuais que fazem de uma pessoa o que ela é desfazem-se. Todos os processos biológicos e químicos que mantinham o estado emocional da minha avó entre a intransigência, o orgulho, e a ternura cessaram. Todos os processos neuronais que a faziam reagir, agir, processar, rezar, rir, guardar toda a informação que ela alguma vez recebeu desde a escola primária, e gerar calor – os muitos Joules que se dissipavam pelo crânio à sua própria maneira – findaram. Para onde foi a minha avó no dia 21 de janeiro de 2026 quando estavam apenas 16° C lá fora?

A cosmologia moderna continua a escrever a história da evolução do Universo tendo como ponto de partida o dia de hoje e extrapolando para o passado até 10-46 segundos após o Big-Bang – o momento de criação que deu origem ao nosso plano de existência. Durante esses aproximados 13,8 biliões de anos em que este Universo se expandiu nunca se presenciou um comportamento anormal de um eletrão ou de um átomo. As leis estão definidas e a variedade de vida e diversidade de comportamentos devem-se ao número de Avogadro de átomos dos elementos da tabela periódica que a minha avó ensinava nas suas aulas de química. A intervenção divina foi reduzida a 10-46 segundos e não tardará, talvez já durante este século, que a extrapolação da cosmologia reduza esses 10-46 segundos a zero. Nessa altura a vontade de Deus encontrar-se-á confinada a esse momento inicial, mas com apenas um pouco mais de esforço perceber-se-á que o Universo é um ciclo interminável de eventos de criação e destruição. Quando se atingir esse feito intelectual coletivo, a humanidade terá de aceitar que há algo que é onnipresente tanto no espaço como no tempo, algo que é onipotente e capaz de se transformar, mas totalmente isento de agência.

Momentos após a minha avó ter deixado de respirar, os seus neurónios dispararam um último surto de atividade elétrica cuja radiação nos últimos 15 dias atravessou o Sistema Solar e acabou de passar por Plutão. O último sinal do seu ser percorre agora o Universo fazendo parte desse plano transcendental energético em que todas as almas se misturam. Contudo, verdade seja dita, a minha avó espalhou-se pelo Universo desde que nasceu. O calor que ela emanou quando saiu da barriga da minha bisavó Alice chegou à estrela Alpheratz na constelação Andrómeda no ano passado, e o desenvolvimento das suas capacidades motoras necessário para conseguir dar os seus primeiros passos por volta de 1929 foi notícia há dois anos na estrela Beta Ceti localizada na constelação Cetus. O corpo que ela deixou para trás ao lado do corpo do meu avô fundir-se-á com a terra, o mar e o vento, e a sua existência, apesar de real, permanecerá intangível.

Dentro de mim, no entanto, a minha avó permanece. Tendo em conta as desigualdades atuais entre homens e mulheres e como essas desigualdades eram quase incontornáveis nos anos 40, as dificuldades económicas de uma família grande, os horizontes encurtados pela imensidão do mar, e a estocasticidade da doença que lhe tirou metade de um pulmão e levou o seu pai, a sua capacidade metódica e força de trabalho quebraram barreiras e excederam qualquer expectativa daquela época. Durante horas e ao longo de anos encontrei-me sentado ao lado da minha avó na mesa da varanda na sua casa interiorizando o método de aprendizagem que ela própria desenvolveu baseado em memorização, repetição, domínio de regras e trabalho árduo com o propósito de exceder expectativas. Apesar de as minhas memórias serem marcadas por dissonâncias – as vezes que fugia, as instâncias em que discutia e por fim os momentos em que

discordava – foi durante essas interações que se formou a nossa relação simbiótica de orgulho e expectativas que em parte me define e que agora se partiu. Em 2018 quando me tornei professor de Física na Universidade de Amesterdão a minha avó disse-me “não esperava outra coisa” e quando me separei temporariamente da minha alma gémea um ano mais tarde a minha avó disse-me “ela não sabe quem tu és”. Não sei se alguma vez fui além do desígnio que ela me destinou tal como ela tinha ido para além de todas as minhas expetativas.

Inspirei durante 12 anos as normas sociais, culturais e religiosas dos anos 40 protegidas por uma comunidade restrita e cultivadas numa ilha pequena com humanidade limitada. A minha avó adotou e enraizou essas normas sociais e religiosas com as quais cresceu e manteve-as até ao último suspiro, rezando o terço pela última vez com sangue do mesmo sangue retornado do Vaticano e que guiou a sua ascensão ao reino de Deus. O pensamento crítico, reflexão e criatividade não foram capacidades que desenvolvi com a minha avó, mas foi ela quem me deu todas as ferramentas para que as pudesse desenvolver. Para criar é preciso dominar as regras. Essa capacidade de reflexão aprendi em parte com o meu avô que só me expunha ao que achava excepcionalmente interessante como o livro de paradoxos matemáticos de Eugene Northrop que continha problemas com “asteriscos” ou quando me ensinou a técnica de visualização tridimensional a partir de imagens bidimensionais. Ao crescer cheguei a um compromisso: no cerne interiorizei essas normas e valores da minha avó expressando-os intensamente aos mais próximos, mas simultaneamente abrindo-me à diversidade do mundo de acordo com graus de separação.

Nos últimos dois anos parecia que a força da natureza da minha avó se esvanecia lentamente enquanto mergulhava no seu mundo interior. Mas há sempre outra forma de ver as coisas. O seu retrocesso foi o seu grande e último ato de amor. Aos poucos foi transmitindo partes do seu espírito aos seus bisnetos através do toque suave das suas mãos frágeis e os carinhos dos seus lábios. A essência da minha avó correrá nos meus filhos e eu cuidarei da minha Clarice Zoraida, a última a receber o seu espírito, não apenas da mesma forma que a minha avó cuidou de mim, mas também como se a “Zoraida” fosse em parte a minha avó.

A neurociência diz que durante os primeiros 4 anos de vida sofremos de amnésia infantil e no melhor das hipóteses temos apenas memórias fragmentadas. Quando me contaram no ano passado que a minha avó e o meu avô assumiram a responsabilidade de pais durante 6 meses, enquanto eu tinha dois anos, entendi a ligação invisível que sempre me aproximou deles. No quarto dos meus avós há uma cama grande de casal e do lado da minha avó uma outra cama pequena. Até aos meus 12 anos sempre que estava triste ou doente dormia nessa cama pequena apesar do meu comprimento com o passar do tempo lentamente exceder o da cama, mas a maior parte das vezes dormia na cama dos meus avós, entre ambos. Protegiam-me com calor, afastavam os monstros dos meus pesadelos, expulsavam os demónios dos meus delírios febris, e embalavam-me nos meus sonhos. Tenho a certeza de que a certa altura irá desencadear-se uma sucessão de eventos no Universo de probabilidade exponencialmente reduzida em que toda a energia contida no plano transcendental que se originou nos meus avós retornará à Terra. E, tal como no dia em que o meu avô apareceu no meu quarto para se despedir de mim para sempre, essa energia tomará duas formas etéreas e flutuantes e eu, no meio, darei uma mão a cada uma enquanto elas me levantam e eu transcendo no dia da minha morte. Amém.

Horta, 05/02/2026
Jácome Saldanha Armas